



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB  
INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH  
BACHARELADO EM HUMANIDADES – BHU**

MARCUS VINÍCIUS MARTINS DA SILVA

**CORPOS ABJETOS TRANS: RESISTÊNCIAS IDENTITÁRIAS  
NO INTERIOR DO CEARÁ/UNILAB**

REDENÇÃO-CE

2018

MARCUS VINÍCIUS MARTINS DA SILVA

**CORPOS ABJETOS TRANS: RESISTÊNCIAS IDENTITÁRIAS  
NO INTERIOR DO CEARÁ/UNILAB**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito necessário para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini

REDENÇÃO-CE

2018

MARCUS VINÍCIUS MARTINS DA SILVA

**CORPOS ABJETOS TRANS: RESISTÊNCIAS IDENTITÁRIAS  
NO INTERIOR DO CEARÁ/UNILAB**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito necessário para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini (Orientador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
(UNILAB)

---

Profa. Dra. Silviana Fernandes Mariz  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
(UNILAB)

---

Profa. Dra. Janaina Campos Lobo  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
(UNILAB)

*À minha mãe,  
meu mais raro e valioso tesouro.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma única e valiosa à minha mãe. Seu apreço, seu cuidado, seu incentivo e principalmente seu amor por mim me possibilitaram força e confiança para chegar até aqui. Obrigado, mamãe!

Um super obrigado ao meu querido orientador, professor Pedro Rosas Magrini. Agradeço-lhe por ter me apresentado o universo da antropologia, pelo trabalho valioso que desenvolve na UNILAB, pelo exemplo de profissional ético e competente que és, e por ter acreditado em mim e nas minhas ideias malucas. Por ter me feito aterrizar em momentos muitos, pelas broncas, pelos conselhos, pelas ausências que me possibilitaram força e pela confiança. Seus ensinamentos, sem dúvidas, ultrapassam o campo da academia. Me sinto muito feliz e agradecido por tê-lo como orientador. Que sorte!

Agradeço também as mulheres que aceitaram compor a banca examinadora desse TCC. Às professoras Silvana Fernandes Mariz e Janaina Campos Lobo, duas mulheres especiais na minha formação.

À professora Silvana Mariz por ter acreditado em mim e na minha ousadia. Pelo apoio frente as dificuldades que surgiram no caminho, pelo incentivo, pelo carinho e pela troca de conhecimentos que tivemos nesses quase dois anos de curso. E por fim pela disciplina de Gêneros e Sexualidades na História em que ministrou, e que me fez ter certeza de mergulhar nesse caminho da pesquisa no campo de gênero e sexualidade.

À professora Janaina Lobo pela atenção, pelo cuidado e por acreditar na minha competência. Sua consideração e incentivo me fizeram crer que mesmo vindo de realidades tão difíceis somos capazes de conquistar o mundo, basta querer.

Ao corpo docente do curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB-CE, em especial aos professores/as Jo A-mi, Rosália Menezes, Patrício Carneiro, Joceny Pinheiro, Caroline Leal e Leandro de Proença, com quem tive a oportunidade de estudar e aprender muito.

Ao professor James Ferreira Moura Junior e a reaPODERE (Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências) pelo trabalho valioso que desenvolvem dentro e fora da UNILAB, pela oportunidade de aprendizado imenso e pela troca em poder dar e receber conhecimento, o que reverbera sem dúvidas no processo desse trabalho.

Um muito obrigado um tanto singelo, mas não menos importante, aos funcionários da UNILAB-CE pela convivência, pelos sorrisos em meio aos dias difíceis, pelo cuidado e atenção para comigo.

Aos colegas do BHU e aos amigos e amigas que fiz desde que cheguei na UNILAB. Sem mensurar grau de importância, todos fazem parte dessa jornada por terem me acolhido de forma única em um lugar que sequer eu conhecia, pelo apoio e por seguirem acreditando que eu seria capaz, incentivando-me nos momentos mais tensos.

Um obrigado saudosos à Anna Carolina Horstmann Amorim, pela acolhida em Floripa, pela escuta, pela gentileza e por ter contribuído tanto durante o processo de desenvolvimento desse trabalho. Certamente fui muito feliz em Floripa e continuarei sendo em qualquer lugar que esteja por saber que existem pessoas tão gentis nesse mundo, basta lembrar da Anna. Grande referência para mim, como antropóloga e como pessoa.

Agradecimento um tanto singular para meu amado primo Pedro Henrique, por ser calma na tempestade, por ser felicidade na tristeza, por mesmo na distante saudade lembrar que eu existo e por me amar tanto. Sem dúvidas, o amor que sinto por ele é o mais puro e verdadeiro que conheço. Amo muito.

À Amandla Ainá, grande e eterna melhor amiga. Pelo apoio, pelo incentivo, por acreditar que eu seria capaz, pelas ausências, pelas demonstrações de amor e carinho, e por fim, pelo orgulho que sente por mim, por tudo que eu me tornei. Para sempre, a melhor.

Agradecimentos especiais aos e às colegas com quem tive a honra de conviver e trabalhar na UNILAB. Suas trajetórias, relatos e perspectivas me fizeram crer na importância valiosa de trabalhos como esse que me desafiei desenvolver.

Por fim, um muito obrigado a UNILAB, simplesmente por tudo e muito mais. Pela oportunidade de viver experiências incríveis e únicas na minha vida, pela acolhida de todos, pelos erros, pelos acertos, pelas felicidades, pelas frustrações, pelo diálogo que construí com muitos que dessa instituição fazem parte e principalmente pelo aprendizado in(ter)disciplinar, processual e perene que resulta e toma forma nas entrelinhas desse trabalho. Concluo esse ciclo de minha vida com o coração cheio de alegria e gratidão pelo conhecimento inigualável e pela (des)construção com que tive a honra de passar nesses quase dois anos de curso.

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2- JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>11</b>
<b>3- OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
<b>4- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>14</b>
<b>5- METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>17</b>
<b>6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>25</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As questões de gêneros e sexualidades estão ganhando cada vez mais forma, espaço e amplitude no que tange o universo acadêmico, seja por conta da realidade social que assombra os sujeitos dos mais variados níveis, seja pela urgência em entender, debater e tratar sobre novas possibilidades de se enxergar e viver a vida. Muito vem se tratando sobre as implicações que o patriarcado, sobretudo como a realidade machista e misógina tem alavancado uma série de agravamentos nos mais variados setores da vida social. Somos hoje um dos países que mais mata pessoas gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis. Somos também a sociedade que mais aponta violência contra a mulher, sobretudo violência de gênero. Mais que isso, temos o desprazer de carregarmos conosco uma cultura inteiramente violenta, autoritária e etnocêntrica.

Herdamos de nossos colonizadores a desleal e mais temível cultura do não respeito, do não aceitar, do não. Somos uma sociedade intolerante e cartesiana, pois não suportamos o fato de pensar na diferença, no que não é a norma, no que não é comum. Além de não respeitarmos porque não aceitamos o fato de existir, não nos permitimos ao diálogo, ao compartilhar, ao novo. De fato, caminhamos para uma noção estreita de mundo, de sociedade, de relação social baseada no controle sob o outro, na superficialidade das relações.

Diante de tal pessimismo, este trabalho se estrutura numa perspectiva de urgência em tratar e compreender sobre essas relações e questões que tanto nos dizem respeito, nos definem e nos formam. Gênero aqui é tratado como uma categoria estruturante socialmente, que estabelece o teor das relações e suas circunstâncias. Atrelado a uma visão de gênero sobre o mundo social, encontra-se a sexualidade também como fio condutor de relações e formas sociais de ser/estar no mundo.

Para tanto, diante das inquietações sociais que atravessam o cerne desta proposta de pesquisa, encontramos na perspectiva de Luma Andrade (2012) a resistência como estratégia de sobrevivência, sobretudo de vivência. Dessa maneira, o trabalho que segue estrutura-se na hipótese de identificar e compreender as formas de resistências de corpos abjetos no *locus* que se traduz como o ambiente da UNILAB, nas cidades de Redenção e Acarape, no Ceará.

Entende-se aqui corpos abjetos, como sendo, segundo Judith Butler (1990), aqueles corpos que estão localizados na margem, que não correspondem a norma-padrão, ao que sob uma visão eurocentrada, não é o belo ou o comum. Esses corpos, em sua maioria, estão numa fronteira ímpar entre a transição, entre o passar por, encontrando possibilidades de realmente ser.



Marginalizados sob um olhar etnocêntrico, machista, misógino, homofóbico, hétero, branco, eurocentrado e capitalista, estão assujeitados a enfrentarem o provável e o improvável para permanecerem sendo – o que aos olhos do outro não é – o que sempre foram. Diante disso, encontramos um cenário crescente de pessoas transexuais que estão sob uma ótica da normalidade, transgredindo e fazendo acontecer seus espaços e realidades que cotidianamente são negados e vistos de forma negativa.

Segundo Berenice Bento (2008, p. 18), “[...] a transexualidade é uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero”. Partindo do pensamento de Berenice Bento, pode-se compreender que por conta das normas de gêneros instituídas pela sociedade através de construções sociais, a transexualidade é vista como algo transgressor, desobediente, que não deve e nem merece espaço, pois segundo a lógica hétero/cis/normativa, é errado social e politicamente falando.

Ainda sob o pensamento de Bento (2008, p. 69) “a complexidade do processo de instauração social de uma identidade se anuncia quando um sujeito se põe em discurso”, entendendo-se, portanto, discurso não somente como ato de fala, de enunciação, mas discurso enquanto existência, direito ao lugar de fala e a vida. Portanto, quando existe a possibilidade de se pôr em discurso sendo/estando uma pessoa transexual, a tendência é de surgirem conflitos e olhares excludentes.

Sobre as confluências identitárias Bento (2008, p. 69) também nos explica que “tanto a transexualidade quanto a travestilidade são construções identitárias que se localizam no campo do gênero e representam respostas aos conflitos gerados por uma ordem dicotomizada e naturalizada para os gêneros”. Ou seja, são corpos que transgridem e afrontam a norma hegemônica de domar os corpos e definir quais importam.

Tratando-se ainda sobre essa norma hegemônica de domar e definir os corpos, Bento (2008, p. 76) afirma sobre as identidades transexual e travesti que “[...] os "normais" não diferenciam estas experiências identitárias, simplificam tudo sob a rubrica de "anormais", "aberrações", "coisas esquisitas"”.

É sob essa linha de pensamento que sinalizamos a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB como um polo deste cenário, o que a cada ano se intensifica na medida em que corpos são emancipados e ocupam o seu lugar no ambiente acadêmico. Corpos abjetos na UNILAB são corpos ditos negros, feios, mal feitos, corpos trans, corpos magros, gordos, corpos que na visão do outro são corpos não corpos, sem direitos, corpos que não merecem, corpos que não são.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa, para tanto, é investigar os corpos abjetos trans que ocupam o espaço da UNILAB-CE e que resistem. Entretanto, objetiva-se também identificar que resistências são essas, quais são e como são.

Muitas pesquisas e trabalhos no campo da Antropologia vem sendo desenvolvidos tratando as questões de gêneros e sexualidades, tudo isso porque tem-se percebido a necessidade urgente de entender a partir da cultura como estabelecem-se as relações e desigualdades de gênero, bem como compreender a sexualidade sob a ótica da cultura, construída processualmente pelos sujeitos e não mais definida pela Biologia. Tudo isso porque a Antropologia durante muito tempo vem se propondo a redescobrir o cerne de questões tão caras para a humanidade. Tratar das relações de gênero na Antropologia é tratar de cultura, de sociedade, de parentesco, família, e mais que tudo isso é tratar do humano.

## 2. JUSTIFICATIVA

Esta proposta de pesquisa muito mais que contribuir para o fomento e o alavancar de produções a respeito de questões de gêneros, sexualidades, sobretudo no campo da transexualidade, pretende também compreender as formas de ser/estar no mundo e suas relações com a resistência cotidiana no ambiente da UNILAB-CE.

Muito se tem construído reflexão sobre a existência da UNILAB nos últimos anos no Brasil, entendendo novas possibilidades de existência, de construção epistemológica e de ressignificação do que se entende por universidade. Dessa maneira, a UNILAB ao longo de seus oito anos de existência, tem-se proposto a pensar, problematizar, contribuir e construir novas perspectivas de se fazer ciência. Sob a influência de uma visão decolonial, crítica e, sobretudo, humana, tem se tornado cada dia mais um ambiente de disputa e relações de poder político. Através de seu projeto, a ideia de acolher pessoas das mais variadas idades, que em sua maioria de realidade interiorana, camponesa, indígena, e através do convênio constituído com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), vem mostrando e provando, apesar das limitações, que é possível construir uma realidade mais justa, decolonial e emancipadora.

Este trabalho toma como justificativa o protagonismo que a UNILAB vem conquistando mundo afora pelo seu compromisso com a realidade social, com a ciência e com a educação. Dessa maneira, tratando-se de um *locus* onde é estampado sob o olhar de quem passa a presença de uma diversidade plural atenuada por corpos consideravelmente abjetos, onde nesse emaranhado encontra-se não somente diversidades em cor, corpo, comportamentos, culturas, mas também diversidade de gêneros e sexualidades.

Valério Filho et al (2017) em seu estudo intitulado “Decolonialidade e Práticas Interculturais na Educação de Administração” considera a UNILAB como um polo de construções epistemológicas plural e que muito vem se revelado como um centro de saberes decoloniais e emancipadores. Para tanto, é nesse sentido que este projeto de pesquisa se estrutura pensando a contribuição no alavancar de construções epistemológicas oriundas das margens, dando lugar a outras novas possibilidades de se fazer ciência.

No que tange ao cenário de produções acadêmicas a respeito do campo da transexualidade no Brasil, sobretudo no Nordeste do país, entende-se a proposta desta pesquisa como importante e essencial para dar visibilidade ao que vem acontecendo nas realidades de sujeitos transexuais no cenário acadêmico, em especial no ambiente da UNILAB-CE. Contribuindo também para o fomento e a permanência de direitos que durante muito tempo foram negados as pessoas trans que

hoje ocupam o espaço da Universidade como direito humano a cidadania, a educação e, sobretudo, a vida.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Investigar o cotidiano de corpos abjetos trans que transitam em uma Universidade Internacional no interior do Ceará.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Identificar corpos abjetos trans no contexto da UNILAB-CE;
- Compreender que corpos são esses, quais suas peculiaridades e modos/formas de ser/estar na dinâmica social;
- Analisar as formas de resistências e assujeitamentos que tais corpos condicionam-se.

#### 4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Visando a produção de uma pesquisa ética e coerente, pretende-se construir o referencial teórico com base em três eixos balizadores, sendo, portanto, os conceitos que sustentam o desenvolver desta pesquisa visando um trabalho crítico e potente na medida em que possibilidades interdisciplinares de pesquisa são atenuadas.

Diante disso, apresentamos inicialmente a essência dos estudos de gêneros e sexualidades no Brasil para compreender os processos já desenvolvidos no campo acadêmico sobre a temática dos estudos de gênero. Em segundo plano toma-se como urgência tratar do conceito de interseccionalidade, como forma de atravessamento primordial para o mote desta proposta de pesquisa, sendo também um importante conceito para a contribuição de uma reflexão complexa e transversal. Em terceiro e último plano propõe-se trabalhar a perspectiva da Antropologia, sobretudo com enfoque na etnografia como possibilidade transgressora de se pensar os corpos abjetos trans e seus atravessamentos entre identidade e resistência.

Inicialmente, é importante destacar que o termo gênero tem algumas acepções e controvérsias em sua base histórica de criação. Adriana Piscitelli (2009) nos traz a história por trás do conceito de gênero destacando, sobretudo, as suas singularidades e pluralidades marcadas durante a história. Segundo a autora, a concepção de gênero entende-se como aquilo que está vinculado a cultura, ao que é construído pelas experiências sociais dos sujeitos e que compreende a um plano fora da ótica natural, pelo que entende-se cultura como algo construído pelos sujeitos de uma determinada realidade social.

Diante disso, atenta-se ao fato de que embora o conceito de gênero tenha ganhado formas e construções outras ao longo da história, hoje fica bem claro a distinção existente entre os conceitos de gênero e sexualidade, sendo portanto, ambos construídos socialmente no plano da cultura e definido pelas experiências pessoais dos sujeitos. Identidade de gênero vincula-se a como o sujeito social se compreende em termos de ser/estar, com possibilidades outras que não necessariamente atrelam-se a uma ideia binária. Orientação sexual, vincula-se a questão de como o sujeito se relaciona sexualmente.

O importante diante do teor das construções de gênero e sexualidade é atentar-se também a questão de que a perspectiva que estruturam-nas não são definidoras absolutas da identidade de um sujeito social e nem os definem de forma permanente. Além disso, compreende-se também ao fato de que a ideia de gênero não deve ser atrelada a uma perspectiva somente binária, enaltecendo gênero também para além dos binarismos masculino/feminino.

O que a respeito disso, Piscitelli (2009) destaca que trata-se da forma como culturalmente fomos formados, sendo portanto, uma visão binária de mundo, de dualidade, de opostos, o que acabou acarretando também ao emprego no campo dos gêneros. No entanto, contemporaneamente, entende-se que a ideia de gênero vai além da perspectiva dual, e que é muito provável a existência de um número maior de gêneros do que normativamente se impõe.

Kimberlé Crenshaw (2002) traz à tona a importância de se compreender a interseccionalidade não somente como conceito chave para o estudo de marcadores sociais da diferença, mas, sobretudo, para problematizar dentro e fora do universo acadêmico a interseccionalidade como produtora de marcadores que implicam o grau de subalternidade que um sujeito está incumbido, levando em conta não somente os marcadores de raça, gênero e classe, mas além disso, outros tantos que nos correspondem e nos descrevem, como orientação sexual, território, geração, entre outros.

Ainda com Crenshaw (2002) é possível entender a potência contemporânea que a interseccionalidade possui nos mais variados campos da vida social e nas mais variadas formas de se compreender enquanto ser humano social. É possível, portanto, pensar a interseccionalidade como um instrumento de análise capaz de melhor compreender o que está por trás da complexidade que existe em tratar das discriminações de sujeitos subalternizados e marginalizados socialmente.

A partir dessa linha de pensamento, pretende-se tratar da interseccionalidade nesta pesquisa não como um conceito abstrato e distante de nossa realidade social, mas sim como algo concreto que está em cada um de nós e que cada sujeito social confere seus marcadores, seja de privilégios ou de subalternização.

Tratando-se no contexto dessa pesquisa, a interseccionalidade tratada aqui está no corpo das pessoas trans que são o objeto de estudo do referido trabalho. O que pelo simples fato de ser/estar na realidade socialmente já lhes conferem marcadores estampados capazes de reverberarem nas relações microssociais que lhes atravessam cotidianamente. Fazendo com que diante da realidade crítica de preconceitos e discriminações, tais corpos são assujeitados a conferirem suas identidades e encontrando estratégias de resistências frente ao contexto que estão inseridos.

Neste sentido, apresenta-se também como potente material balizador nesta pesquisa a etnografia realizada pelo antropólogo Don Kulick com travestis e transexuais de Salvador-BA nos anos 1996 e 1997. A etnografia intitulada “Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil” revela a potência que confere trabalhar sob um viés etnográfico pesquisas que tratam de temas tão delicados e urgentes.

Com a etnografia, para além da perspectiva de entendê-la como método é possível investigar e compreender a fundo o teor das questões sociais que tanto implicam na nossa realidade e tanto nos definem socialmente.

A ideia de realizar uma etnografia com pessoas transexuais no contexto da UNILAB-CE, surge da necessidade de não somente compreender as resistências identitárias dos sujeitos trans, mas de compreender que resistências são essas, como se instauram e de que forma procedem, o que faz com que, em termos de metodologia, entendamos o grau de complexidade que confere uma pesquisa desse porte. Para tanto, pensando nessa complexidade, compreende-se a etnografia como essencial canal para melhor realizar os procedimentos de investigação desta pesquisa.

Destaca-se além dos autores já citados, Avtar Brah (1996) como importante pensadora da ideia interseccional, dedicando-se a dialogar sobre os conceitos de identidade e diferença e suas reverberações, o que torna-se inteiramente necessário dialogar com seus trabalhos, pois além da ideia interseccional a autora dedica-se a refletir sobre os conceitos de identidade e diferença na contemporaneidade.



## 5. METODOLOGIA DE PESQUISA

### **Método**

Ao passo que se dá para compreender a complexidade que compõem o objeto de estudo dessa proposta de pesquisa, é possível deparar-se com a noção de que antes de se tratar de um mero projeto de pesquisa com atravessamentos interdisciplinares no campo das Ciências Humanas, esta proposta de pesquisa configura-se antes enquanto um projeto de pesquisa etnográfica.

Tramamos a etnografia aqui não simplesmente como uma técnica de coleta de dados, que por sinal, se faz inteiramente possível e plausível. No entanto, o cerne desta proposta se configura enquanto uma real proposta etnográfica com vistas a investigar a noção transidentitária de corpos abjetos na UNILAB-CE.

Diante disso, entende-se a etnografia como o trabalho do antropólogo no que concerne a compreensão e aos estudos das mais variadas culturas mundo afora e as peculiaridades em suas formas de vida. Em relação a isso John W. Creswell (2007) nos explica de forma coerente e completa quais foram os primórdios que incitaram o desenvolver do projeto de pesquisa etnográfico no campo acadêmico. Creswell (2007) apud Fraenkel e Wallen (1990) explica que a pesquisa etnográfica é condicionada a construção de um estudo processual do universo investigado com vistas a captar o que há de mais profundo e relevante no cotidiano dos sujeitos, nas experiências vivenciadas e não menos importante em suas respectivas histórias de vida.

Com base nesse contexto, é possível compreender que a etnografia confere um universo de possibilidades de desenvolvimento dentro de uma proposta de investigação. Isso se dá ao fato de que trata-se de uma investigação contínua e que confere uma longa duração em campo e cuidado. No que concerne ao papel do pesquisador/etnógrafo compreende-se a responsabilidade ética envolta e a pluralidade em perspectivas com base na experiência deste em campo.

A etnografia está inteiramente ligada a noção de experiência/vivência com base nas interpretações dos sujeitos que dela fazem parte. Rosana Pinheiro-Machado (2009) em sua etnografia que durou anos investigando produtos importados da China, nos revela que antes mesmo do desenrolar de seu estudo e de como o processo reverberava lhe trazendo descobertas, a etnografia foi, portanto, o seu valioso e mais importante estudo, pois foi possível não apenas fazer uma reflexão de seu objeto de estudo, mas da complexidade e singularidade conferida ao legado do antropólogo frente a sua relação com a etnografia.

Mais que isso, este estudo trata-se de uma investigação qualitativa, utilizando como principal técnica possível para sua realização a etnografia, que antes de tudo está imbricada no contexto geral que estrutura essa proposta.

### **Técnicas utilizadas**

Tratando-se de um estudo etnográfico, essa investigação utilizará como fonte de coleta de dados a construção processual de diários de campo com vistas a compreender como se dá as resistências identitárias de corpos trans no contexto da UNILAB-CE.

Neste sentido, conferindo-se ainda a ideia da etnografia como promotora de uma pesquisa complexa, crítica e coerente, entende-se o diário de campo como um canal possível para corporificar as experiências rotineiras de pesquisa por parte do pesquisador. O diário de campo trata-se de um instrumento com essencial importância na etnografia, pois torna-se possível traduzir de forma marcada as acepções e singularidades encontradas e descobertas em campo.

Roberto Cardoso de Oliveira (1996) fala que “talvez o que torne o texto etnográfico mais singular, quando o comparamos com outros devotados à teoria social, seja a articulação que ele busca fazer entre o trabalho de campo e a construção do texto” (OLIVEIRA, 1996, p.25). Neste sentido, destaca-se a necessidade de compreensão da construção do diário de campo, sobretudo, do fazer etnográfico em termos de concretude. Aponta-se aqui o papel do pesquisador na realização de uma etnografia e a sua relação com a mesma, entendendo-a aqui, assim como Oliveira (1996) afirma, como quem está na linha tênue entre o exercício de observação e o de interpretação, resultando no material bibliográfico concreto e, sobretudo, na construção de pensamento científico.

A respeito do exercício do pesquisador na etnografia que envolve além do observar, aquilo que também Oliveira (1996) destaca, o ouvir e o escrever, o que se configura como o *métier* do antropólogo, em outras palavras aquilo que se estabelece enquanto o ofício do antropólogo/etnógrafo.

Nesta investigação, a ideia de utilizar o diário de campo como canal central para a realização da pesquisa, surge da complexidade e também do cuidado existentes no processo que o campo impõe. Dito isto, é necessário tratar aqui das possibilidades que o campo oferece no ato de – enquanto pesquisador – estar em campo. Neste sentido, o papel do pesquisador confere uma responsabilidade primordial pelo fato de lidar com realidades talvez distintas da sua, e também por lidar com vidas de seres humanos.

A construção do referido diário de campo que enseja esta proposta de pesquisa se dará a partir da vivência processual do pesquisador no *locus* que subentende-se como o ambiente da UNILAB-CE, nas cidades de Redenção e Acarape.

Prioriza-se nesse processo a vivência e descrição junto as pessoas transexuais que estudam, trabalham ou simplesmente transitam nos espaços da instituição. Neste sentido, busca-se ainda o contato, o diálogo e o acompanhamento de atividades rotineiras dessas pessoas. O objetivo é emergir uma etnografia a partir do cotidiano, daquilo que está subentendido como natural, rotineiro, normal, mas que compreende inúmeras singularidades que serão evidenciadas a partir do exercício de observação, sobretudo, no que tange aos campos cognitivos do pesquisador, ou seja, o olhar, o ouvir, o sentir e por fim o escrever, que não menos importante ou centralizador da investigação, mas sim um componente inteiramente essencial e revelador na pesquisa.

### **Local de realização da pesquisa**

A UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – é uma universidade pública federal, interiorana e internacional. Criada em 20 de Julho de 2010, a UNILAB é hoje um marco central não somente no Nordeste, como também no país inteiro, bem como para a vida de muitos jovens oriundos de classes populares que obtiveram, através dessa instituição, a oportunidade única de serem os primeiros de suas famílias a ingressarem numa universidade pública e concluir um curso de graduação.

A UNILAB é uma instituição internacional que tem como subsídio a cooperação sul/sul, que diz respeito a parceria estabelecida entre governos com os países do continente africano, sendo portanto, os países como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Essa realidade só foi possível por também existir um pacto com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), na qual o Brasil está inserido, que também confere tal parceria com Portugal e Timor-Leste.

Nesse sentido a UNILAB surge como uma instituição necessária no que compete as possibilidades de resignificação do conhecimento, tratando-se de uma universidade atrelada sob uma perspectiva decolonial, buscando através do compromisso sério e ético oferecer uma formação descolonial. A UNILAB conta hoje com mais de 15 cursos de graduação, presencial e a distância, além também da pós-graduação, que confere atualmente a 13 cursos em seu total, *Scripto Sensu* e *Lato Sensu* (UNILAB, 2018). A UNILAB possui sede também na cidade de São Francisco do Conde, Bahia.

O contexto em que será realizada essa proposta de pesquisa trata-se, inicialmente, dos campi Liberdade, Palmares e Auroras, localizados nas cidades de Redenção e Acarape, respectivamente. Essas cidades compõem o que chamamos de Maciço de Baturité, região localizada no sertão central cearense. Além das duas cidades mencionadas, compõem o Maciço outras 11 cidades<sup>1</sup>, todas localizadas em regiões serranas do Ceará.

### **Descrição dos participantes**

Como já mencionado anteriormente, a UNILAB é uma universidade plural e diversificada, onde é possível encontrar um grande número de pessoas oriundas de escolas públicas do Ceará e que em muitos casos, são os primeiros de suas famílias a ingressarem numa universidade.

Não menos importante, a UNILAB tem se configurado a cada semestre como um campo acolhedor de pessoas transexuais e travestis. Isso se dá ao fato de que trata-se de uma universidade pluriversal e que tem como proposta a existência de um público minoritário, que se configuram enquanto minorias subalternizadas. Além disso, a UNILAB foi a primeira universidade do Brasil a aprovar em seu corpo docente uma professora doutora travesti, a professora Luma Nogueira de Andrade.

Nesse sentido, a UNILAB se configura não só como uma instituição pública diferente das demais país afora, mas também como um ambiente plural e arraigado de muita diversidade. Tratando disso, encontra-se em seu *locus* pessoas trans oriundas de diversas cidades do estado. Pode-se constatar que em sua maioria são pessoas com idade entre 18 a 35 anos, que escolheram a UNILAB por se tratar de uma universidade plural, e que poderiam ter a oportunidade de estudar, concluir um curso superior e ingressar no mercado de trabalho, ainda assim tão marcado por preconceitos e discriminações.

Nesse leque de diversidade é possível encontrar na UNILAB pessoas trans de diversos perfis, rostos, corpos e cores. Em sua grande maioria são pessoas vindas de famílias de classe menos favorecida e com um histórico de enfrentamentos muito delicado.

Além de estudantes, a UNILAB é também um polo de funcionários terceirizados trans, resultado também de sua política de autonomia e sustentabilidade, dar-se também a funcionários e não somente a estudantes. O que diferente dos estudantes trans, a maioria dos funcionários trans da UNILAB são pessoas que não tiveram anteriormente a oportunidade de ingressar no ensino

---

<sup>1</sup> Aracoiaba, Aratuba, Barreira, Baturité, Capistrano, Guaramiranga, Itapiúna, Mulungu, Ocara, Pacoti e Palmácia.

superior, e hoje percorrem os corredores da instituição cuidando do ambiente como se fossem suas casas em cargos como serviços gerais, almoxarifado, etc.

O foco dessa etnografia será detectar os sujeitos trans que transitam nos campi da instituição e de forma minuciosa conhecer como se dá o seu cotidiano, objetivando a compreensão e análise de como seus corpos buscam estratégias de resistência frente a marca que carregam por serem trans.

Para a realização dessa investigação etnográfica confere-se como requisitos mínimos para participantes:

- Ser maior de idade;
- Estar na UNILAB-CE a pelo menos 6 meses, como estudante de algum curso de graduação presencial ou como funcionário terceirizado ou concursado;
- Aceitar participar da pesquisa;
- Assinar de livre vontade um termo de consentimento de participação na pesquisa.

Objetiva-se nesta investigação o contato com um número entre 3 a 6 interlocutores.

### **Procedimentos utilizados**

Os procedimentos a serem realizados nessa investigação se dividem em 3 etapas. Objetiva-se, através dessa logística, o alcance de questões resultantes esperadas. Neste sentido, num primeiro momento pretende-se realizar um levantamento inicial a fim de detectar a existência de pessoas trans na universidade e quais espaços esses sujeitos transitam e ocupam. Dessa maneira, é essencial o primeiro momento de observação para apreender esse levantamento. Pretende-se realizar esse momento inicial num período de 4 semanas, com dias e turnos alternados nos campi Liberdade, Palmares e Auroras.

Em seguida, num segundo momento, já tendo realizado o levantamento, espera-se iniciar um breve contato com os sujeitos a fim de solicitar participação e esclarecer sobre a investigação. Feito isso, pretende-se iniciar um processo de observação rotineiro durante no mínimo 3 semanas, acompanhando os sujeitos em suas atividades, afazeres e ocupações cotidianas dentro dos espaços da instituição. Todo esse processo será registrado em diário de campo, como também diálogos esporádicos de compreensão e percepção por parte dos interlocutores a respeito de suas vivências, serão também registrados em forma de notas de campo. Neste momento, não objetiva-se realizar

entrevistas semi-estruturadas ou estruturadas com os interlocutores. Entende-se que o processo de observação na etnografia compreende a possibilidade de que diálogos, comentários, perguntas e vivências possam acontecer. No entanto, toda forma de contato em campo e episódios rotineiros pretende-se ser registrados em diário de campo.

Esse processo, portanto, trata-se do processo central em que a pesquisa se dá. O fato de estar em campo e como se estabelecem as situações, ocasiona muitas vezes a descobertas de outras tantas questões que não as estabelecidas anteriormente com base nos objetivos gerais e específicos. No entanto, todas as vivências em campo, bem como a construção do material de registro será com base nos objetivos já estabelecidos na construção deste projeto de pesquisa, tratando-se, portanto, da compreensão de resistências transidentitárias no contexto da UNILAB-CE.

No terceiro e não último momento que estrutura a logística dessa investigação, objetiva-se a construção, emaranhada com as interpretações das notas de campo, de relatos que simbolizam a experiência vivenciada a partir do lugar do pesquisador, o que faz possível a construção de novas interpretações e significados. Finalizado esse processo, é portanto, pertinente iniciar o processo de análise desses relatos, bem como a apreensão daquilo descoberto em campo.

### **Análises realizadas**

Segundo Oliveira (1996) a redação etnográfica é o resultado sistemático de todo o processo realizado. Ela deve ser realizada em gabinete, distante do campo investigado e com base naquilo que o pesquisador esteve munido antes de ir a campo, a teoria a respeito do objeto investigado.

Com base nisso, essa investigação visa ter como ensejo de estrutura de análise os estudos já desenvolvidos sobre o tema da transexualidade alicerçando ao contexto da UNILAB. Neste sentido, a construção da redação que consistirá nos resultados obtidos com a pesquisa se dará com base nas interpretações realizadas a partir das notas de campo e dos relatos construídos durante o estradar da vivência em campo.

O processo de análise consistirá na elaboração de códigos que servirão como ferramenta de decodificação que nortearão o processo analítico e balizará o encontro dos resultados com os objetivos pretendidos. Neste sentido, toma-se como objetivo a construção de um texto revelador e pertinente com base na vivência investigada em campo sobre realidades de pessoas transexuais na UNILAB-CE.

## **Procedimentos éticos**

A ética na pesquisa científica confere uma importância tremenda acompanhada de uma responsabilidade perene, que envolve sujeitos, vidas e realidades delicadas, quando se trata de um estudo realizado sobre e com seres humanos.

Segundo Uwe Flick (2013) os participantes da pesquisa precisam estar cientes da realização da investigação e de sua participação na mesma. Michael V. Angrosino (2009) explica também que ética em pesquisa confere ao cuidado com os participantes e sua livre e espontânea participação concedida através de documento registrado. Para tanto, pretende-se nesta investigação realizar um trabalho de forma coerente e ética com vistas a não comprometer a integridade dos sujeitos envolvidos.

Antes de iniciar a segunda etapa do processo em campo, que confere a aproximação com os sujeitos identificados transexuais e o acompanhamento de suas rotinas nas dependências da instituição, será fornecido um documento de consentimento de participação na investigação, o que diz respeito ao uso de suas informações de forma anônima na pesquisa sem identificá-las em momento algum.

Esse documento deverá ser assinado por ambas as partes, o pesquisador responsável pela investigação e o sujeito que estará se disponibilizando a participar. No documento estará descrito a natureza da pesquisa, os objetivos propostos e para qual sua finalidade. Após o ato da assinatura, ambas as partes ficará com uma cópia do documento.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se este projeto de pesquisa ressaltando a importância e ao mesmo tempo a relevância que compete essa investigação. Entende-se a universidade como um espaço de autonomia e construção de epistemologias transgressoras, para tanto, espera-se que esse estudo possam vir a contribuir para a potencialidade de cenários como esse e mais que isso possa dar lugar a uma forma emancipadora de fazer ciência através da defesa dos Direitos Humanos.

Pretende-se também contribuir para o fortalecimento da UNILAB enquanto uma universidade plural no reparo de questões tão caras e delicadas aos sujeitos que dela fazem parte, fortalecendo o combate de discriminações e preconceitos ainda tão arraigados em nossa cultura, para que possa-se alcançar aos objetivos de transformar a universidade cada vez mais em um espaço de transgressão e autonomia, com respeito ao outro e livre de opressões.

Além do que já citado acima, essa proposta de pesquisa visa contribuir para com a existência e visibilidade de pessoas transexuais em nossa sociedade. Em tempos em que o fascismo e ondas de opressões são escancaradas frente as pessoas que apenas querem ter o direito de viver, é papel também da universidade, sobretudo no universo acadêmico, a contribuição através de pesquisas como essa, a fim de amenizar cenários e situações tão massacrantes.



## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, L. N. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. 2012. 279f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Doutorado em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza: 2012.
- ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BENTO, B. A. M. **O que é transexualidade** (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação, **Cadernos Pagu** 26, p.329-365, 2006.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. v. 10, n. 1º semestre, p. 171-188, 2002.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FILHO, V. C. Decolonialidade e Práticas Interculturais na Educação de Administração. ANAIS: **VI Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração**. Universidade Federal de Santa Catarina, 26 a 28 de Abril de 2017, Florianópolis - SC.
- FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- KULICK, D. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.
- OLIVEIRA, R. C. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever**. Revista de Antropologia - USP, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.
- PINHEIRO-MACHADO, R. **Made in China: Produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, IFCH/UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- PISCITELLI, A. **Gênero: a história de um conceito**. In: Diferenças, igualdade. Heloisa Buarque de Almeida, José Eduardo Szwako (orgs). São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2009.
- UNILAB. **Integração Internacional**, 2018. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/nosso-diferencial-de-integracao-internacional/#>>. Acesso em: 10 de dez. de 2018.